

A EMERGÊNCIA DO ENVELOPE MULTIMODAL EM CONTEXTOS DE ATENÇÃO CONJUNTA DE DÍADES MÃE-BEBÊ

Paulo Vinícius Ávila Nóbrega *
Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante **

Resumo

O intuito de nossa pesquisa é apresentar o acompanhamento da emergência da língua enquanto instância multimodal em contextos de atenção conjunta de duas díades mãe-bebê, (B e C), dos 08 aos 14 meses de vida da criança. Adotamos a perspectiva de Envelope Multimodal, ou seja, a mescla de três componentes da interação – olhar, gestos e produção vocal – que emergem concomitantemente. Tomamos como premissa a noção de multimodalidade proposta por McNeill (1985) e teorias de Tomasello (2003) a respeito da atenção conjunta. Os resultados mostram que a díade faz uso do plano de composição multimodal para interagir em cenas dialógicas.

* Universidade Estadual da Paraíba

** Universidade Federal da Paraíba

Palavras-chave: Atenção Conjunta. Olhar. Gestos. Produção Vocal. Envelope Multimodal.

Introdução

Nas academias brasileiras e internacionais, muitos estudos a respeito da Linguística têm circulado procurando atribuir uma classificação à língua, o que muitas vezes parece não ter um acordo entre todos. No que tange à Aquisição de Linguagem, o mesmo ocorre, pois inúmeras postulações procuram discutir os processos de interação dos infantes com os seus pares e cuidadores sem muitas vezes seguirem o mesmo viés. Por exemplo, no âmbito aquisicionista existem publicações como as de Snow (1997, p. 153-164), Locke (1997, p. 233-252) e Barrett (1997, p. 299-322) ao falarem do *input* linguístico e do desenvolvimento de habilidades motoras dos infantes.

Outras vertentes trabalham com a noção de comunicação humana e mostram investigações antropológicas (DAVIS, 1979; KNAPP e HALL, 1999), visões culturais a respeito da territorialidade, espaço e distância entre os interlocutores (LYMAN e SCOTT, 1999; SIGELMAN e ADAMS, 1999), expressões faciais (EKMAN e FRIESEN, 1975), além de escritores que procuram ensinar aos pais e cuidadores meios de interpretar sinais comunicativos dos bebês, como uma espécie de “manuais de instrução” (HOLINGER e DONER, 2004; MOLCHO, 2007). O que se observa é que estes autores não se preocuparam em verificar a possibilidade de uma noção de língua enquanto instância multimodal a partir do uso concomitante de elementos como, por exemplo, o olhar, os gestos ou a produção vocal.





Alguns exemplos de pesquisas que mostram a mescla de elementos comunicativos são vistos em Laver e Beck (2001, p. 15-24), que propõem uma análise da qualidade de voz unificada à postura e aos gestos; Legerstee (1990, p. 343-354) observou o papel da visão e da audição na imitação de sons de fala; Chee So (2009, p. 115-125) pesquisou a respeito do uso que os locutores fazem com gestos e fala com a finalidade de localizar um referente que não é especificado imediatamente na fala; Özçalışkan e Goldin-Meadow (2009, p. 190-217) realizaram uma pesquisa com o intuito de verificar o que acontecia quando a criança começava a usar a combinação de gestos e fala com argumentos.

Assim, observando a necessidade que tem a literatura em Aquisição de Linguagem de falar a respeito de multimodalidade, nosso objetivo é mostrar o acompanhamento longitudinal da emergência da língua enquanto instância multimodal, em contextos de atenção conjunta, em díades mãe-bebê, a partir dos 08 meses de vida do infante.

Partimos da premissa de que a língua não ocupa uma instância apenas de fala, mas uma mescla de gestos e fala integrados em uma mesma matriz de produção (MCNEILL, 1985, p. 350-371). Consideramos ainda que desde seu nascimento, ou mesmo na vida intrauterina, a criança já é inserida como sujeito interativo linguisticamente desde que o outro conceba a noção de língua enquanto instância da multimodalidade.

Dialogia e interação

Em situações naturalísticas, a base das trocas comunicativas é a interação face a face que é desenvolvida a partir da dialogia. Segundo Bakhtin (2006, p. 127) a língua não é constituída pela abstração de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da enunciação ou das enunciações.

Sendo assim, como o próprio autor afirma, o diálogo (sentido estrito) é apenas uma das formas dessa interação, sendo a mais importante, não podendo ser compreendido e explicado fora de um vínculo com uma situação concreta (extralinguística). A comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal, dos quais ela serve muitas vezes apenas como complemento.

É diante das relações dialógicas (relações de aceitação, recusa, convergência, divergência, harmonia, conflitos etc.) que o sujeito vai se constituindo discursivamente, assimilando vozes sociais (FARACO, 2009, p.84). Apesar de o sujeito ser um ente verbalmente uno, ele é atravessado por de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques.

Como nossas análises são com relações dialógicas entre mãe-bebê, concebemos as postulações supracitadas um indício de que enquanto pais, irmãos mais velhos, cuidadores em geral, podemos interpretar as primeiras elaborações linguísticas do bebê como sendo significativas, sejam elas balbucios, holófrases etc. Essas produções não são consideradas em nossa pesquisa elementos de hierarquia na dialogia, ou seja, não olhamos os balbucios e holófrases isolados como a primeira etapa de correspondência linguística do bebê à interação materna, pois estes elementos estão atrelados a outros como, por exemplo, os gestos e o olhar, o que chamamos de planos de composição de um envelope da multimodalidade linguística.

Língua: instância multimodal

Nesta parte procuramos mostrar algumas pesquisas sobre multimodalidade com crianças e adultos buscando postular um referencial acerca de um dos planos multimodais propostos nesta pesquisa: os gestos.

Em relação aos tipos de gestos usados em comunicação com adultos,



Kendon (1982, p. 25-62) distingue quatro principais: gesticulação, pantomima, emblemas e língua de sinais (LIBRAS). A gesticulação é usada no fluxo de fala sem previsibilidade, ou seja, é um ato individual das mãos. A pantomima é usada sem o fluxo de fala, são representações de ações cotidianas. Os emblemas são usados culturalmente, como, por exemplo, o gesto de "OK", pedido de carona etc. A língua de sinais é uma propriedade da comunidade de surdos. Para esta classificação Kendon (1982) produziu um *continuum* com a finalidade de mostrar como funciona a relação de gestos com a fala: *Continuum 1* – relacionamento da fala; *Continuum 2* – relacionamento das propriedades linguísticas; *Continuum 3* – relacionamento com convenções e *Continuum 4* – caráter semiótico.

Neste primeiro modelo, fala/gesto refletem a presença *versus* ausência de características semióticas da língua. A fala apresenta-se obrigatória e constante na produção da gesticulação. A produção da gesticulação é individual, pois depende da idiosincrasia do falante. Como os emblemas são gestos culturais, dependendo da região, há necessidade do uso ou não da fala. Neste caso, um uso opcional. A pantomima representa ações do cotidiano e não há necessidade da concomitância com a fala. E por fim, a língua de sinais, como o próprio nome diz, é a propriedade de uso da comunidade de surdos.

No segundo modelo, as propriedades linguísticas podem ser definidas como significações morfológicas, fonéticas e sintáticas que estão presentes no momento da execução de algum tipo de gesto em que a presença dessas propriedades seja obrigatória. Por exemplo, a língua de sinais por si só possui significações linguísticas a partir da execução de configuração da mão nos espaços corporais e temporais.

No modelo três denomina-se convencional ou não-convencional o tipo

de gesto que está presente, ou não, em determinada cultura. Neste caso, é o grupo social que estabelece seu uso. A gesticulação como característica individual não é determinada pela cultura, assim como a pantomima que pode variar a depender da etnia. Os emblemas são parcialmente convencionais, pois um gesto com determinada configuração manual pode ter sentido diferente na diversidade cultural. A LIBRAS é totalmente convencional, porque pertence a uma cultura de falantes e usuários específicos.

As características do quarto modelo são os gestos globais e sintéticos. No que se refere à característica semiótica global, concebemos que a significação da gesticulação se dá de modo geral, não há especificidade simbólica. Diferentemente do que acontece com os gestos sintéticos, que por si só já carregam significado.

No que se refere ao universo infantil, Cavalcante (2009, p. 153) propõe mostrar as primeiras interações entre mãe e bebê dentro de uma esfera familiar, em que o infante começa a adquirir os gêneros do discurso partindo de uma noção de língua como multimodalidade. Duas crianças, entre 02 e 18 meses, foram analisadas. A autora chega à conclusão que os bebês se inserem nos gêneros de esfera familiar ainda muito cedo e fazem uso de elementos multimodais – gesto, balbúcio, variações prosódicas, holófrases - concomitante às produções verbais.

A Atenção Conjunta: experiências diversas

Nesse tópico teorizaremos sobre a interação de crianças e adultos em situações de trocas comunicativas. As teorias apresentadas nem sempre são condizentes com os mesmos resultados, principalmente no que dizem respeito à cognição infantil. Tentaremos abordar alguns aspectos do que conhecemos como cognição (envolvendo percepção, compreensão, intencionalidade),





interação adulto-criança e troca comunicativa, aspectos relacionados à comunicação corporal, dentre outros. Nosso foco primordial será a respeito do que conhecemos como atenção conjunta. Referimo-nos a este termo baseados nos postulados de Tomasello (2003, p. 85), autor que mostra a compreensão que as crianças têm ainda pequenas dos outros como seres intencionais. Além disso, as crianças pequenas também possuem a capacidade de interagir com outros sujeitos e ao mesmo tempo manipulando objetos ou entidades externas (ambientes).

Propomos que a criança compartilha significações em trocas comunicativas com o outro em situações de interação e atenção conjunta. A primeira noção de interação traz consigo a ideia “de ação conjunta (seja conflituosa, seja cooperativa) que coloca em cena dois ou mais indivíduos, sob certas circunstâncias que em muito explicam seu próprio decurso” (MORATO, 2005, p.316). Indubitavelmente, a interação perpassa um *locus* apenas. Por isso, trazemos outras noções de interação que vão além da ideia de apenas ação conjunta. Bakhtin afirmou que a interação vai além do sistema abstrato de língua, ou de formas isoladas, mas envolve contextos sociais diversos de interação verbal (BAKHTIN, 2006, p. 123).

Os estudos em Aquisição de Linguagem propuseram vários momentos da concepção de interação. Cavalcante e Naslavsky (2009, p. 188) fizeram um panorama desses estudos. O foco das primeiras pesquisas era a fala isolada da mãe e da criança. Isso criou a noção de díade que emergia a partir de diálogos dos coparticipantes. Aqui a criança construiria sua língua a partir de sua inserção nas rotinas comunicativas da mãe. Outra vertente propôs uma noção em que o adulto tornava-se intérprete do bebê, já que esse adulto possuía uma instância de língua constituída.

Nossa fundamentação para interação baseia-se em Cavalcante e Naslavsky (2009, p. 197) quando propõem a noção de matriz relacional. Os autores afirmam que a díade mãe-bebê possui um elevado grau de interdependência, então deve ser vista enquanto unidade. Isso não implica perpetuar uma simbiose da díade, pois transformações ocorrem ao longo do tempo nesta dialogia que permitirão a passagem da matriz mãe-bebê para a interação entre a mãe e o bebê, processo em que o acontecimento da subjetivação é evidenciado.

A noção de língua que trazemos não ocupa apenas o lugar do verbal, muito menos apenas do não-verbal. A multimodalidade entre os elementos presentes na interação é que constitui a noção de língua. A instância de língua por nós proposta só tem seu espaço ao emergirem as cenas de atenção conjunta para partilha de intenções que podem acontecer entre dois sujeitos, ou dois sujeitos acrescido de um terceiro (sujeito, objeto ou ambiente).

Estudos de Tomasello (2003, p. 77) mostram que a competência cognitiva para compreender os coespecíficos como seres intencionais surge por volta dos 09 meses de idade, mas só amadurece a partir do momento em que a criança usa ativamente ferramentas culturais (a linguagem) que essa compreensão lhe permite dominar.

Entre 09 e 12 meses, de acordo com o autor (2003, p.84-85), os bebês começam a se envolver em um processo de novos comportamentos devido a uma revolução na forma de compreender seu entorno social. Aos 09 meses esses bebês realizam uma série de comportamentos de atenção conjunta que parecem indicar que há uma emergência na compreensão de outros como seres intencionais. Interessante ressaltar que nesse momento as relações com entidades externas (objetos, ambientes,



situações) podem ser acompanhadas, dirigidas ou compartilhadas.

No início desse período o protótipo do esquema de interação triádica envolve o acompanhamento do olhar do bebê para o mesmo local direcionado pelo olhar do adulto; envolvimento conjunto relativamente longo de interação com o adulto e objeto; o bebê usa os adultos como pontos de referência social e ações semelhantes às dos adultos sobre objetos.

Ainda nesse período os bebês começam a dirigir a atenção dos adultos para entidades exteriores usando gestos dêiticos como apontar para objetos ou segurá-los para mostrá-los ao parceiro interativo. Os gestos dêiticos usados nessas situações podem ser imperativos (tentativas de fazer com que o adulto faça algo com relação a um objeto ou entidade) e declarativos (tentativas de fazer com que o adulto apenas mostre atenção para um objeto ou entidade). Essas ações têm por finalidade estabelecer a sintonia da atenção conjunta (TOMASELLO, 2003, p.86).

Estudos realizados pelo autor mostraram a questão do desenvolvimento sociocognitivo infantil quanto à atenção conjunta com 24 crianças dos 09 aos 15 meses de idade. As observações duraram quatro meses e envolviam oito passos diferentes: 1 - envolvimento conjunto; 2 - acompanhamento do olhar; 3 - acompanhamento do ato de apontar; 4 - imitação de atos instrumentais; 5 - imitação de atos arbitrários; 6 - resposta a obstáculos sociais; 7 - uso de gestos imperativos; 8 - uso de gestos declarativos.

Os resultados mais importantes para o nosso contexto foram: individualmente consideradas, cada uma das oito capacidades de atenção conjunta manifestou-se na maioria das crianças nas idades analisadas; e todas essas aptidões manifestaram-se num desenvolvimento sincrônico semelhante em cada criança.

Destaque-se um fato importante para nossa análise: um grupo de 20 crianças realizou ações de atenção conjunta em uma hierarquia de execução de acordo com a faixa etária mostrada. A primeira situação, dos 09 aos 12 meses, as crianças executaram tarefas de compartilhar/verificar a atenção do adulto bem próximo (simplesmente olhar para o adulto durante envolvimento conjunto); a segunda etapa envolvia tarefas que exigiam o acompanhamento da atenção que o adulto dirigia a entidades externas mais distantes (acompanhar o olhar); a última situação envolvia tarefas que exigiam direcionar a atenção do adulto para entidades externas (apontar para que o adulto olhasse para uma entidade distal).

A justificativa para essas três situações é que para a primeira tarefa exigia-se apenas que a criança olhasse para o rosto do adulto, ou seja, era necessário apenas ter noção de que o adulto estava presente e prestando atenção. As outras tarefas exigiam que a criança mirasse precisamente para o fim que prendia a atenção do adulto, ou seja, envolviam a capacidade de compreensão daquela.

A respeito do gesto de apontar como dêitico espacial Cavalcante (1994, p. 33-41) classificou uma morfologia do apontar a partir de análises com três crianças nas idades de 12, 13 e 15 meses. A autora chegou à conclusão de que nas interações naturalísticas do bebê com seu cuidador (geralmente a mãe) os seguintes tipos de configuração da mão aparecem: apontar convencional, apontar com dois dedos, apontar com três dedos, apontar com a mão toda, apontar semiestendido, apontar exploratório, apontar com objeto entre os dedos, apontar com dois braços em direções opostas, apontar com os dois braços para a mesma direção, extensão de dois braços para um objetivo e apenas um apresenta apontar, insistência gestual e olhar dirigido ao parceiro e toque no





parceiro (a criança executa esse gesto para confirmar a atenção do parceiro para o que está sendo discriminado pelo apontar).

Esse último gesto apresentado pela pesquisadora é o que chamamos de “olhar de checagem”, ou seja, a criança executa um tipo de toque no seu parceiro interativo, concomitante ao olhar, objetivando chamar a atenção do parceiro para um evento presente na situação (objeto, outra pessoa, um ambiente etc.). Para que essa atitude gestual emerja, há a necessidade da ocorrência de cenas de atenção conjunta, ou seja, há o estabelecimento da atenção mútua por algum objetivo.

Algumas classificações a respeito do apontar das crianças também foram feitas por Tomasello (et. al., 2007, p. 710). São estudos que levavam em consideração gestos que emergiam no cotidiano dessas crianças com seus pais. Primeiramente, o autor postula que o apontar infantil é contextualizado. Para que a criança execute esta ação é necessário que haja um envolvimento interpessoal e uma situação que promova a emergência desse ato. Foram analisadas crianças dos 11 aos 14 meses em contextos sociais de interação.

A conclusão dos estudos é que as crianças apontavam não só com a intenção de obter algum objeto, mas para que o adulto exercesse alguma ação como abrir a janela ou que enchesse um copo com água, por exemplo. Apontavam também para direcionar localizações como pegar uma cadeira.

Esse tipo de investigação é interessante para a literatura em aquisição de linguagem, pois mostram ainda pontos importantes da ontogenia da criança e a emergência de suas competências no processo de atenção conjunta: infantes entendem objetivos por volta dos 09 meses; entendem percepções por volta dos 12 meses; por volta dos 12-15 meses podem determinar o que os outros sabem a respeito de algo;

por volta dos 12-14 entendem o que têm e o que não têm experienciado com outras pessoas em cenas de atenção conjunta; por volta dos 09-12 meses começam a entender que os outros precisam de ajuda para alcançar um objetivo; com 14 meses formam metas conjuntas com outras pessoas em atividades cooperativas (TOMASELLO, et. al, 2007, p 716).

No que concerne ainda à cognição e à compreensão infantil em cenas de atenção conjunta, outros postulados foram encontrados. Iniciamos citando Legerstee (1992, p. 59) que explorou a ideia de que crianças têm consciência sobre os atributos que distinguem as pessoas de objetos. Até mesmo crianças com dois meses de idade tratam as pessoas e objetos diferentemente. A autora sugere que as crianças reconhecem a distinção crucial entre as duas classes: animado e inanimado e que um sistema conceitual começa a ser formado do nascimento em seguida. Este sistema conceitual serve como uma propriedade que ajuda a distinguir objetos inanimados dos seres sociais. Em estudos sobre interações entre crianças com suas mães durante situações naturais em que as mães ficavam com a face imóvel usando máscaras ou com a face com movimentos naturais, Legerstee (et. al. 2007, p. 232) verificou que as respostas dos movimentos das crianças eram significativamente diferentes para objetos socializados e os não socializados assim como para a mãe usando máscara ou expressando movimentos naturais.

Outra pesquisa de Legerstee teve como meta avaliar se gestos comunicativos como o apontar de crianças com 12 meses de idade indicariam que essas crianças percebem as pessoas como seres e agentes intencionais ou se seu comportamento comunicativo era devido, somente, ao estímulo das percepções visuais. 32 crianças participaram da experiência.



Foram observados comportamentos como o olhar, o apontar e as vocalizações em situações diádicas (interação entre criança e adulto) e triádicas (interação entre criança, adulto e uma terceira entidade). Os resultados mostraram que as crianças usavam as três modalidades de comunicação (olhar, apontar e vocalizações) ao interagirem com um adulto e quando compartilhavam objetos (LEGERSTEE, et. al., 2003, p. 91).

Moll (et. al., 2007, p. 309) investigou crianças de 14 e 18 meses ao observarem um adulto que manipulava objetos e depois deixava a sala em que os objetos e a criança encontravam-se. O infante brincava com um terceiro objeto enquanto o adulto estava fora. O adulto interagiu com os dois objetos experienciados de três formas: a) compartilhando com a criança em uma cena de atenção conjunta; b) manipulando o objeto enquanto a criança assistia como espectadora e c) sendo espectadores assistindo aos infantes brincarem com o objeto sem fazer interferências. Os infantes de ambas as idades sabiam qual objeto tinha sido manipulado pelo adulto na condição de atenção conjunta, apenas os de 18 meses distinguiam na condição de engajamento individual e bebês de nenhuma idade foram capazes de distinguir na condição apenas de espectador. Estes resultados sugerem a capacidade cognitiva de relação com objetos e distinção destes baseados em situações triádicas.

As conclusões desses experimentos mostraram que os bebês não sabem apenas o que os outros estão fazendo, o que estão olhando, mas o que os outros conhecem ou estão familiarizados a respeito do objeto manipulado.

Outro estudo acerca da compreensão das crianças em relação à intenção de adultos em momentos de atenção conjunta foi realizado com bebês de 12 meses por Liskowski (et.al., 2008, p. 732). Nessa pesquisa, o autor objetivou

analisar se por volta dos 12 meses os bebês já tinham capacidade de ajudar os adultos que perdiam um objeto, ou seja, adultos que não sabiam a localização desse objeto, e adultos que tinham a consciência da localização do objeto. Os resultados mostraram que as crianças apontavam mais para o objeto em situações nas quais percebia que o adulto não sabia onde encontrar, do que em situações nas quais percebia que o adulto tinha visto onde o objeto caiu e assim tinha consciência de sua localização.

Markova (et. al., 2008, p. 26) afirma que a habilidade para entender a mente dos outros, no sentido de entender que existe um outro ser, é uma importante etapa do desenvolvimento cognitivo que emerge ainda cedo. De nascença, crianças demonstram uma consciência de perceberem os outros como seres intencionais, pois iniciam comunicação e respondem a outros durante interações sociais ainda muito cedo. Além disso, crianças com uma semana trocam olhares, expressões faciais, vocalizações, e movimentos com outros de forma recíproca. Foram observadas crianças de 03, 06 e 09 meses em quatro situações: 1) a mãe interagiria normalmente com a criança, 2) a mãe manteria um contato visual e uma face amistosa, 3) a mãe usava uma máscara, mas interagiu normalmente e 4) a mãe simulava beber algo em uma garrafa, estabelecendo a troca de olhares, mas não falava com a criança.

Pesquisas como as apontadas acima mostram que o complexo processo cognitivo para cooperação não necessariamente emerge no mesmo momento em que emerge a fala.

O que podemos perceber diante dessa variedade de abordagens teóricas, de idade das crianças e ambientes de análise (laboratoriais e/ou naturalísticos) é que os estudos mostram a capacidade que os bebês têm de interagir em contextos que envolvem a atenção





conjunta, embora os autores não tivessem como objetivo verificar a mescla de elementos que atribuíssem à língua uma instância de multimodalidade.

Análise de Envelopes Multimodais

Para ilustrarmos a mescla de componentes da interação por nós analisados utilizaremos o Envelope denominado Multimodal, o que implica a análise de três ocorrências de ações em um mesmo momento.

O Envelope é composto por três colunas. A primeira, da esquerda para a direita, representa os planos de composição, ou seja, as ações executadas concomitantes, tanto pela mãe, quanto pelo bebê. Essas ações, como já mencionadas, são o olhar, analisado de acordo com a teoria de Tomasello (2003) ao classificar em Atenção de Verificação, Atenção de Acompanhamento e Atenção direta. O segundo componente é o gesto, classificado por Kendon (1982) em gesticulação, emblema e pantomima. O último plano é a produção vocal. As duas outras colunas representam recortes das ações maternas ou do infante. Os tempos da ação nas sessões serão divididos entre linhas abaixo das outras, o que facilitará a leitura. As ações dos sujeitos são colocadas lateralizadas para indicar a correspondência executada pelo interactante à ação do parceiro.

Adotaremos a classificação gestual proposta por Kendon (1982) ao relacionar gesto-fala, adaptada ao funcionamento gesto-vocal nas interações mãe-bebê. Assim, a gestualidade será a ação idiossincrática de cada indivíduo, os emblemas serão não só os gestos culturalmente estabelecidos, pois a criança ainda está em processo de aquisição. Então, gestos como dar e

pegar, tirar a chupeta da boca do parceiro, abrir a mão solicitando algo, apontar etc., serão emblemas nas nossas cenas interativas. As pantomimas, mencionadas pelo autor como simulações de ações do cotidiano com ausência obrigatória de fala, também terão uma adoção ampla para nossos dados, pois a criança e sua mãe, nas idades verificadas, simulam ações como buzinar, jogar bola, dar comida, fazer ligação telefônica, usar fantoche na mão com a presença de fala.

Ao adotar a classificação do olhar proposta por Tomasello (2003) também faremos adaptações. Por exemplo, o autor usou a classificação apenas para crianças; nós a ampliaremos ao uso do olhar pelo bebê e pela mãe. A atenção de verificação será estabelecida quando um olhar for direcionado sem correspondência do interactante. Já a atenção de acompanhamento normalmente é sempre usada pela mãe por ter mais maturidade na interação e sempre dirigir-se à criança diretamente (no caso de nossos recortes). A atenção direta será classificada quando ambos os parceiros interativos usarem o apontar convencional (dedo indicador estendido ao objetivo), ou quando usarem alguma ação gestual que signifiquem um tipo de apontar como estender a mão em direção ao interactante solicitando algo, mostrar algo diretamente ao parceiro, tocar no parceiro etc.

Análise da Díade B

Apresentaremos dois¹ Envelopes da díade B (menino) como forma de visualizarmos longitudinalmente os resultados. No primeiro, a criança encontra-se com 08 meses e no segundo com 14 meses. O mesmo acontece com a díade C.

¹ Analisamos ao todo, na dissertação, vinte e três Envelopes divididos entre as duas díades. O estudo foi longitudinal.



| Envelope multimodal Diade B – 08 meses e 14 dias | | |
|--------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Planos de composição | Mãe | Criança |
| Olhar | 00:11 pondo a fralda no bebê, a mãe mostra a ele um frasco. (atenção direta - imperativo) | |
| | 04:34 a mãe põe a criança no colo. O olhar da mãe alterna-se entre o bebê e a mamadeira. (atenção de acompanhamento) | 04:34 observa, com os braços abertos. (atenção de acompanhamento) |
| Gestos | 00:11 pondo a fralda no bebê, a mãe mostra a ele um frasco. (emblema) | 00:11 o bebê choraminga, mas não olha para a mãe nem para o frasco. Ele estica o braço esquerdo e pega o objeto (emblema) |
| | 04:34 a mãe balança a mamadeira de suco na frente da criança, (gesticulação) | 04:34 observa, com os braços abertos. (gesticulação) |
| Produção vocal | 00:11 // tomi tomi // ó aqui // | 00:11 choraminga |
| | 04:34 //suquinho mamã// suquinho gotozo // | |

Envelope Multimodal 1: Análise da Diade B (8 meses)

Na sessão do Envelope 1, a criança parece estar meio inquieta, pois sua mãe está trocando a sua fralda. Para entretê-lo, um frasco é apresentado, o que consideramos como “apontar imperativo” de uma atenção direta, ou seja, o objeto está sendo inserido no contexto com a intenção de que o bebê acalme-se enquanto está sendo vestido. A atenção direta materna acontece concomitante à produção “tomi, ó aqui” e um emblema de “mostrar” algo ao parceiro interativo com significação.

O bebê, no mesmo tempo da sessão (00:11) choraminga, à medida que executa a ação de pegar o objeto

apresentado como correspondência à interação mesmo sem olhar diretamente para a mãe.

Um novo componente gestual surge em 04:34 por ambos os parceiros, a gesticulação. Enquanto a mãe fala “suquinho mamã”, ela gesticula ao balançar a mamadeira diante do bebê estabelecendo o olhar de acompanhamento quando envolve uma situação de alternância de olhares. A criança observa a ação materna estabelecendo o olhar de acompanhamento ao mesmo tempo em que permanece com os braços abertos como gesticulação.

| Envelope multimodal Diade B – 14 meses e 21 dias | | |
|--------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Planos de composição | Mãe | Criança |
| Olhar | 03:17 a mãe está no quarto com o bebê no colo, alterna o olhar entre bebê e o lugar (atenção de acompanhamento) | 03:17 estica o braço esquerdo e aponta com a mão toda aberta para a prateleira. (atenção direta – imperativo) |
| Gestos | 03:17 caminha na direção da prateleira e toca na bola com a ponta dos dedos da mão direita; segura a bola na palma da mão na frente da criança. (pantomima) | 03:17 estica o braço esquerdo e aponta com a mão toda aberta para a prateleira. (emblema) |
| Produção vocal | 03:17 // nãu ali nãu// ó a bola// vamu brincá di bola? //, // tomi // vamu brincá di bola?// go:u // bora jogá gou bora? // | 03:17 choraminga |

Envelope Multimodal 2: Análise da Diade B (14 meses)





A atenção conjunta, apresentada através do recorte da sessão no Envelope 2, é desenvolvida através de um momento lúdico com uma bola. O bebê choraminga ao esticar o braço esquerdo e apontar em direção a uma prateleira, o que é acompanhado da multimodalidade materna materializada com a produção

vocal juntamente com o olhar de acompanhamento e a pantomima do jogar bola (gou). A multimodalidade do infante é vista com a mescla de choramingo-emblema-atenção direta, em correspondência à mescla dos componentes maternos produção vocal-pantomima-atenção de acompanhamento.

| Envelope Multimodal Diáde C – 08 meses e 08 dias | | |
|--------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Planos de Composição | Mãe | Criança |
| Olhar | 0:33 Mãe olha para o bebê e realiza o gesto de imitar as batidas na água, batendo no chão (atenção de acompanhamento) | 0:33 Nesse momento o bebê desvia o olhar da câmera e olha para as mãos da mãe e o seu movimento de batê-las no chão. (atenção de acompanhamento) |
| | 2:09 Mãe começa a bater palmas (atenção de acompanhamento) | 2:09 o bebê logo em seguida olha para a mãe e começa a bater palmas também juntamente com ela. (atenção de acompanhamento) |
| Gestos | 0:33 Mãe olha para o bebê e realiza o gesto de imitar as batidas na água, batendo no chão (com a palma da mão tocando no chão). (pantomima) | |
| | 2:09 Mãe começa a bater palmas; (pantomima) | 2:09 o bebê logo em seguida olha para a mãe e começa a bater palmas também juntamente com ela. (pantomima) |
| Produção Vocal | 0:33 Diga também qui cinco horas da tardi foi tumá banhu de riu cum vovó ju e vovó lupinha. / Adoró u banhu / Ficô batendu na água comu bati na banheira Tá tá tá Num foi? / Foi! Batendu na água/ Num foi? / Eh! | 0:33 baibucia |
| | 2:09 Vamu cantá parabéns/ Parabéns pra vitoria nessa data querida, muitas felicidades , muitas anus di vida/ Ehhh!! Pontu/ E foi? Cantá ! Eu já cantu parabéns. (risos) | 2:09 hum/ ehhhh |

Envelope Multimodal 3: Análise da Diáde C (8 meses)

O contexto do Envelope acima se passa na sala da casa da díade. Ambas, mãe e criança encontram-se sentadas sobre um tapete e a mãe está fazendo as unhas enquanto a criança ouve a fala da mãe olhando para a câmera, a princípio. A mãe interage com o bebê pedindo que ele conte para a pessoa que filma a sessão como foi sua festa de ano novo, o que tomou, o que comeu e o que fez enquanto estava na companhia das avós em um banho de rio.

Quando a mãe realiza a produção vocal em 0:33 “Ficô batendu na água comu bati na banheira Tá tá tá Num foi?” o bebê, que antes olhava para a câmera, vira-se e olha para a mãe balbuciando. O bebê estabelece uma atenção de acompanhamento à mãe devido ao tópico do diálogo “Ficô batendu na água comu

bati na banheira Tá tá tá Num foi?” (e devido à pantomima materna de bater no chão simulando a ação do bebê quando toma banho e bate na água). A criança não produz nenhum gesto nesse tempo. A mãe, como normalmente acontece, estabelece a atenção de acompanhamento quando é a autora do discurso.

Já em 2:09 a mãe inicia a pantomima que simula uma festa de aniversário ao cantar parabéns e bater palmas. Sua atenção é de acompanhamento por definir o tópico do diálogo (Vamu cantá parabéns). O bebê também estabelece a atenção de acompanhamento por olhar atentamente a ação materna. Em seguida executa a mesma pantomima correspondendo à mãe e balbuciando “buu/ ehhhh”.



| Envelope Multimodal Díade C – 14 meses | | |
|----------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Planos de Composição | Mãe | Criança |
| Olhar | 2:04 A mãe olha para o bebê e oferece a boneca. (atenção direta – imperativo) | 2:04 se aproxima e estende o braço direito com a mão aberta em direção da mãe e da boneca. (atenção de acompanhamento) |
| | | 3:57 bebê solta os brinquedos, se levanta e olha para a mãe. (Atenção de acompanhamento) |
| Gestos | 2:04 A mãe olha para o bebê e oferece a boneca (emblema) | 2:04 e estende o braço direito com a mão aberta em direção da mãe e da boneca. (emblema) |
| | 3:57 mãe começa a bater a mão na cadeira (gesticulação) | 3:57 bebê aponta com o braço direito e a mão direita semi-aberta para o pano que está no colo da mãe. (emblema); continua a apontar, só que para a mão da mãe. (emblema) pega a mão dela com a sua mão direita e leva para cima da cadeira. (emblema); o bebê olha e toca na mão da mãe. (emblema) |
| Produção Vocal | 2:04 tomi/ Sua nenê/ é sua nenê/ mi dê a / Prontu já largô | |
| | 3:57 qui é? Tomi; qui é?; ah sim, ta certu. Hum? | |

Envelope Multimodal 4: Análise da Díade C (14 meses)

A cena interativa do contexto acima é iniciada com a mãe chamando o bebê para irem à sala. Alguns itens fazem parte da interação, como por exemplo, uma latinha, uma bola, um vaso, uma boneca e um pano para limpar o nariz da criança.

No tempo de 2:04 a mãe inicia o diálogo com a produção vocal “tomi/ Sua nenê/ é sua nenê/mi dê a/ Prontu já largo” que emerge concomitante ao olhar de atenção direta com sentido imperativo, pois a mãe estende o braço para oferecer a boneca à criança, ação que também é classificada como emblemática.

Nesse mesmo tempo (2:04) a criança estabelece o olhar que favorece a atenção de acompanhamento, pois olha diretamente para a ação materna de oferecer a boneca. Ao mesmo tempo em que olha o bebê estende a mão para pegar o brinquedo exposto pela mãe, o que insere na cena mais um emblema para completar o campo semântico do “dar e pegar”.

Em 3:57 o bebê inicia a atenção conjunta quando aponta com a mão direita semi-aberta em direção a um pano no colo da mãe, ou seja, um emblema, que é correspondido com a fala materna “qui é? Tomi;”. Ao continuar com o gesto emblemático do apontar, além da atenção de acompanhamento estabelecida por olhar diretamente para a mãe, mais uma produção vocal materna emerge na cena “qui é?” devido à insistência gestual do bebê quando continua ao tocar a mão da mãe, que por sua vez encerra o turno de fala com “ah sim, ta certu. Hum?”.

Algumas considerações

Nossa motivação para este estudo partiu da inquietação de perceber que a atenção voltada à linguagem da criança em processo de aquisição não destacava aspectos multimodais. Por isso, nosso objetivo, com esta produção, foi acompanhar a emergência da língua enquanto instância multimodal em contextos de atenção conjunta com duas





díades mãe-bebê, na faixa etária dos 08 aos 14 meses de vida do infante. As observações tiveram caráter longitudinal em situações naturalísticas com aspectos metodológicos baseados em gravações na casa das díades.

Diante dos postulados adotamos a perspectiva de Envelope Multimodal como sendo a mescla de três componentes básicos da dialogia. Um desses componentes é o olhar, que recebe a classificação concebida por Tomasello. Os gestos também fazem parte dos planos de composição multimodal, sendo adotados três tipos do *continuum* de Kendon (com exceção da Língua de Sinais por não trabalharmos com patologia). Por último, a produção vocal ocupando, também, um *lócus* na relação de componentes do Envelope.

Em todos os recortes destacados das cenas de engajamento face a face por nós apresentados, percebe-se que, independentemente do responsável pelo início da relação nos tempos mostrados,

o interactante faz uso de tipos de olhares concomitante às ações gesto-vocais, o que nos permite concluir que, em processo de aquisição de linguagem os bebês adquirem a língua enquanto instância de multimodalidade através do uso, tanto dela, quanto de seu parceiro interativo, dos Envelopes Multimodais emergentes em contextos de atenção conjunta que têm como foco elementos que permitem o engajamento conjunto como, por exemplo, bola, vassoura, boneca, fantoches, mamadeira, fralda, canções infantis, gravuras, livro, fotografias, telefone, ursinho etc.

Além dessas afirmações, concluímos que, dependente do campo semântico das ações executadas por ambos os interactantes como, por exemplo, “dar e pegar”, “mostrar”, “tocar no parceiro”, “oferecer”, “pedir”, “devolver”, “tomar”, “colocar” etc., o gesto de apontar pode ser classificado com maior amplitude além do conhecido como apontar clássico (estender o dedo indicador).

THE EMERGENCE OF THE MULTIMODAL ENVELOP IN JOINT ATTENTION CONTEXTS OF MOTHER-BABY DYADS

ABSTRACT

The aim of this research is to present the monitoring of language emergence as a multimodal instance in contexts of joint attention in two mother-baby (8 to 14 months old) dyads, (B and C). The perspective adopted is the Multimodal Envelop one, i.e., the mixture of three components of the interaction – look, gestures and vocal production – that emerge simultaneously. This paper is also based on the notion of multimodality proposed by McNeill (1985) and Tomasello's theories (2003) concerning joint attention. The results show that the dyad uses the multimodal composition to interact in dialogical episodes.

Keywords: Joint attention. Look. Gestures. Vocal production. Multimodal Envelop.

Artigo submetido para publicação em: 23/03/2012

Aceito em: 22/10/2012





REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARRETT, M. Desenvolvimento lexical inicial. In: FLETCHER, P. & MACWHINNEY, B. (org.) **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 299-322.
- CAVALCANTE, M. C. B. **O gesto de apontar como processo de co-construção nas interações mãe-criança**. Dissertação de Mestrado. UFPE, 1994.
- . Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. **Investigações**. Recife, 2009. 153-170.
- . NASLAVSKY, J. P. N. A matriz inicial da subjetividade tendo como *locus* a dialogia do/no manhês. IN: LYRA, M. C. D. P., GARVEY, A. P., SILVA, M. (orgs.) **Microgênese: estudo do processo de mudança**. Porto Alegre: ARTMED, 2009. 178-214.
- CHEE SO, W. KITA, S. GOLDIN-MEADOW, S. Using the hands to identify who does what to whom: gesture and speech go hand-in-hand. **Cognitive Science** 3. 2009. 115-125.
- DAVIS, F. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: SUMMUS, 1979.
- EKMAN, P. & FRIESEN, W. V. **Unmasking the face. A guide to recognizing emotions from facial clues**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall. (1975)
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168p.
- KENDON, A. The study of gesture: some observations on its history. **Recherches Semiotique/semiotic Inquiry** 1982, 2 (1) 25-62.
- HOLINGER, P., DONER, K. **O que os bebês dizem antes de começar a falar: os nove sinais utilizados para manifestar os seus sentimentos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- KNAPP, M. L., HALL, J. A. **Comunicação não-verbal na interação humana**. São Paulo: JSN, 1999.
- LAVIER, J., BECK, J. M. Unifying principles in the description of voice, posture and gesture. In: CAVÉ, C., GUAÏTELA, I., SANTI, S. (eds.) **Oralité et gestualité: interactions et comportements multimodaux dans la communication**. L'harmattan, Paris. 2001. 15-24.
- LEGERSTEE, M. Infants use multimodal information to imitate speech sounds. **Infant behavior and development**. 13. 1990. 343-354.
- . **A review of the animate-inanimate distinction in infancy: implications of models of social and cognitive knowing**. Early Development and Parenting. Vol 1(2). 1992. 59-67.
- . MARKOVA, G. **Intentions make a difference: infant responses to still-face and modified still-face conditions**. Infant Behavior and Development. 30. 2007. 232-250.
- LISZKOWSKI, U., CARPENTER, M., TOMASELLO, M. twelve-month-olds communicate helpfully and appropriately for knowledgeable and ignorant partners. **Cognition**. 108. 2008. 732-739.
- LOCKE, J. L. Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada. In: FLETCHER, P. & MACWHINNEY, B. (org.) **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 233-252.
- LYMAN, S. M., SCOTT, M. B. Territoriality: a neglected sociological dimension. IN: GUERRERO, L. K., DEVITO, J. A., HECHT, M. L. (eds.). **The nonverbal communication reader**. Waveland Press Inc. 1999.
- MARKOVA, G. LEGERSTEE, M. **How infants come to learn about the mind of others**. Zero Three Journal 28. 3. 2008. 26-31





- MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? **Psychological review**. Vol 92 (3). 1985. 350-371.
- MOLCHO, S. **A linguagem corporal da criança: entenda o que ela quer dizer com os gestos, atitudes e os sinais**. São Paulo: Gente, 2007.
- MOLL, H., TOMASELLO, M. **How 14 and 18-month-olds know what others have experienced**. *Developmental Psychology*. Vol 43, Nº 2. 2007. 309-317.
- MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. IN: MUSSALIN, F., BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. VOL. 3. 2 Ed. São Paulo: Cortez, 2005. 311-352.
- ÖZÇALISKAN, S. GOLDIN-MEADOW, S. When gesture-speech combination do and do not index linguistic change. **Language and Cognitive Processes**. 24 (9). 2009. 190-217.
- SIGELMAN, C. K., ADAMS, R. M. Family interactions in public: parent-child distance and touching. IN: GUERRERO, L. K., DEVITO, J. A., HECHT, M. L. (eds.). **The nonverbal communication reader**. WAVELAND PRESS INC. 1999.
- SNOW, C. E. Questões do estudo do *input*: sintonia, universalidade, diferenças individuais e evolutivas e causas necessárias. In: FLETCHER, P., MACWHINNEY, B. (orgs.) **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.153-164.
- TOMASELLO, M. **Origens culturais do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- , M., CARPENTER, M., LISZKOWSKI, U. **A new look at infant pointing**. *Child Development*. Vol. 78, Nº 3. 2007. 705-722.